

*Wilton Cardoso,
o professor e o cidadão*

Ângela Vaz Leão | PUC Minas

Quero, em primeiro lugar, congratular-me com a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais pela realização desta homenagem póstuma a um de seus mais ilustres professores, Wilton Cardoso de Sousa. As instituições que não cultuam os seus mortos estão fadadas a desaparecer com o tempo por perda de memória, por enfraquecimento de raízes. Ao contrário, aquelas que celebram os valores do passado sem deixar de viver o presente revigoram as suas forças para enfrentar o futuro. Os mestres que ajudaram a construir esta Faculdade, e cuja memória não deixamos que se apague, hão de contribuir para que se mantenha o espírito desta Casa. Hoje, é a memória de Wilton Cardoso de Sousa que estamos celebrando e trazendo ao conhecimento dos nossos alunos – esses que um dia ocuparão os nossos lugares.

Por isso é que aceitei, sem hesitação, o convite que me foi feito pelo colega José Américo para participar desta mesa redonda, de homenagem a Wilton Cardoso de Sousa. Seríamos, como somos, três à mesa – Ana Maria de Almeida, Letícia Malard e eu – todas ex-alunas de Wilton Cardoso, e depois suas companheiras de luta, numa convivência de muitos anos, em número variável, evidentemente, segundo diferem as nossas idades. O risco de repetições era grande, pensei eu. Cumpria, na medida do possível, delimitar campos e evitar que os mesmos fatos fossem trazidos à baila por todas nós. Foi então que me ocorreu sugerir uma divisão tripartida, que foi logo aceita por José Américo: que Ana Maria falasse da produção intelectual do Professor Wilton; Letícia, da sua vida afetiva; e eu, da sua prestação de serviços às instituições.

Não sei se as nossas falas se organizarão assim, com tanta fidelidade a um tema exclusivo. Pelo menos, essa era a nossa intenção, que, entretanto, de minha parte, já começo a burlar.

Como lhes dar testemunho sobre as relações de Wilton Cardoso com as diferentes instituições a que serviu, sem contar-lhes antes a forma como nos conhecemos, em que posição nos achávamos ambos, para que um pudesse inteirar-se do que fazia o outro?

Começo, pois, por falar dos nossos contatos pessoais, das nossas vidas cruzadas, dos seus pontos de cruzamento.

Conheci Wilton Cardoso em 1946. Foi o ano em que ingressei no Curso de Letras Neolatinas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Minas Gerais, instituição particular que seria federalizada quase quatro anos depois, em dezembro de 49, constituindo-se assim a nossa UFMG. A minha turma era a sexta, já que os cursos da Faculdade haviam começado a funcionar em março de 41, divididos em Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-germânicas. Wilton Cardoso pertencera à primeira turma de Letras Clássicas, tendo concluído o Bacharelado em 43 e a Licenciatura em 44. Mal se diplomara, foi convidado para integrar o corpo docente da Faculdade, o que também ocorreu com outros alunos brilhantes de outras áreas: Pedro Parafita de Bessa, na Psicologia; Amaro Xisto de Queiroz, na História; Morse de Belém Teixeira, na Sociologia. Assim, quando conheci Wilton Cardoso, era ele um jovem professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, enquanto eu cursava o primeiro ano, nessa mesma Faculdade.

A essa época, a Secretaria de Estado da Educação, preocupada com o nível dos professores de suas escolas de 2º grau, oferecia-lhes cursos de atualização, na época das férias, em convênio com a Faculdade de Filosofia, que os abria também para os alunos que desejassem freqüentá-los. Na virada de 46 para 47, passando eu do primeiro para o segundo ano de Letras Neolatinas, freqüentei esses cursos. E lá, fazendo Português e Latim, tive Wilton Cardoso como professor de Língua Portuguesa. Coube-lhe o curso introdutório, que era de Lingüística Geral, disciplina ainda não constante dos currículos oficiais. Por seu intermédio, conheci Saussure, Bally, Vossler e outros mestres da ciência lingüística então em voga. Foi uma revelação. A originalidade e a coerência interna do *Curso de lingüística geral* de Saussure me fascinaram desde logo. Não posso deixar de lamentar a sua ausência, hoje, em muitos Cursos de Letras, cujos professores (nem todos, felizmente) só lêem por duas cartilhas, a de Tio Sam e a da CAPES, acreditando ingenuamente que, nas Ciências Humanas, o conhecimento envelhece como se fora produto da tecnologia.

Voltando a Wilton Cardoso de Sousa, foi ele quem primeiro me abriu as portas da Lingüística, juntamente com José Lourenço de Oliveira, Mestre a quem reverencio sempre e para quem as montanhas de Minas não foram barreira para a constante atualização bibliográfica.

O meu segundo contato com Wilton Cardoso se deu em 48, quando o tive como professor de Literatura Portuguesa e de Literatura Brasileira. Outras revelações me abriram então os ouvidos e a cabeça. Nas suas aulas, que eram corajosamente expositivas, fiquei conhecendo um outro Camões, diferente do que eu já conhecia, não mero objeto da análise sintática, mas sujeito da mais bela mensagem poética que eu até então conhecera; e também fiquei conhecendo um outro Machado de Assis, não o protagonista de uma biografia sentimental ou sentimentalóide, mas o genial criador de Capitu, o inigualável conhecedor das profundezas da alma feminina. As aulas foram poucas, muito poucas, pois Wilton Cardoso, naquele ano, teve sérios problemas de saúde, que fizeram dele um assíduo freqüentador de hospitais. Mas, poucas que foram, essas aulas bastaram para fazer de mim leitora cativa de Camões e de Machado, pelo resto da vida.

Perdoem-me, meus amigos, se, para falar de Wilton Cardoso, também falei de mim. Mas não podia calar uma dívida, nem deixar de mostrar que o conheci de perto, pois, desde a segunda metade da década de 40, de uma

forma ou de outra, tive contato com ele. Foram mais de 50 anos de convivência no trabalho, a princípio como sua aluna, depois como sua colega.

Na relembração dessa convivência, quase me esquecia de que o tema que me coube, nesta mesa, foram os serviços prestados por Wilton Cardoso às instituições educacionais do País. Começando pelo começo, lembremos que a sua militância no magistério limitou-se, até quase o fim de sua vida, a instituições oficiais, tanto de 2º grau quanto de ensino superior. Naquelas ensinou Português e suas literaturas, nestas ensinou a princípio Língua Portuguesa, depois Literatura Portuguesa e finalmente Literatura Brasileira. Para a cátedra de Português do Colégio Estadual de Minas Gerais, prestou concurso em 1950, defendendo a tese *Ditologia léxica*, publicada pela editora Os Amigos do Livro, de Belo Horizonte. E para a cátedra de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia da UFMG, prestou concurso em 1958, defendendo a tese *Tempo e memória em Machado de Assis*, que foi publicada em livro pelos Estabelecimentos Gráficos Santa Maria, também de Belo Horizonte.

Embora não me caiba falar aqui da obra de Wilton Cardoso, permito-me apenas relatar-lhes que, no último final de semana, tirei da estante o volume *Ditologia léxica*, com a finalidade apenas de anotar os dados da edição. Entretanto, fui sendo arrastada pelo texto, do qual só consegui desprender-me depois de terminada a leitura da última página. Trata-se do estudo das tradicionalmente chamadas “formas divergentes”. É um estudo conduzido de forma inteligente e original, ao qual só se pode censurar o excesso de citações, que, aliás, o autor reconhece e de que procura escusar-se, em quase uma página do Prefácio. Se refiro esse episódio é apenas para significar que uma tese de Língua Portuguesa para o ensino médio pode ainda ter validade e interesse, passados cinquenta anos. Por isso é que eu ia dizendo que, em Ciências Humanas (que me perdoe a CAPES!), não há “obsolescência” do conhecimento. “Obsolescência” - imaginem! -, eis o palavirão técnico que esse órgão pôs em moda, para legitimar um preconceito.

Voltando ao lugar institucional do grande mestre, é preciso dizer que não só ao Colégio Estadual e à Faculdade de Filosofia (em parte identificada com a atual Faculdade de Letras) Wilton Cardoso prestou serviços como professor. Também ensinou, a convite, por dois anos, a disciplina Filologia Portuguesa, na Universidade de Brasília. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por cinco anos, ensinou Literatura Brasileira e Língua Portuguesa, nos

curso de pós-graduação em Letras. E na Universidade Federal do Pará (UFPA), atuou um mês como professor visitante de Literatura Brasileira.

Finalmente, após a sua aposentadoria na UFMG, ingressou numa instituição privada, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), onde vinha atuando na pós-graduação em Letras, desde 1989 até a sua partida deste mundo, em fins de 99. Foram onze anos de bons serviços prestados, com atuação no Colegiado de Coordenação Didática da Pós-graduação em Letras, na docência, na pesquisa, no setor de publicações e na orientação de dissertações de Mestrado.

Também na UFMG e na UFRJ orientou teses de Doutorado, algumas depois publicadas em livros, de alunos os mais brilhantes, como Affonso Romano de Sant'Anna, Melânia Silva de Aguiar, Elódia Xavier, Cilene da Cunha Pereira e outros.

Todos esses fatos atestam a competência de Wilton Cardoso em vários ramos da Linguística, da Filologia e da Literatura. Mas outras qualidades concorriam para fazer dele um profissional comprometido com as instituições a que servia. Uma delas era a sua disponibilidade: onde e quando precisassem dele, lá então ele estaria. Não importava o tempo que a função lhe tomasse, nem os sacrifícios que lhe custasse, nem o prejuízo que trouxesse à sua produção individual. Refiro-me, principalmente, às penosas funções administrativas, que obrigam os seus ocupantes a esquecer-se de si próprios, a trabalhar para os outros e para a instituição, muitas vezes em tempo integral, sem que sobre um minuto para as suas pesquisas e publicações individuais. Essa experiência técnico-administrativa, Wilton Cardoso a teve, sem pensar no tempo que perdia, em termos de sua própria produção científica. Primeiro, foi Diretor do Colégio Estadual de Minas Gérias, por mais de um mandato. Depois, na UFMG, foi, por tempo e em períodos diversos, Diretor da Faculdade de Letras, Coordenador do Curso de Pós-graduação em Letras, Presidente da Comissão Central de Pessoal Docente, Membro dos Conselhos Superiores da Universidade e de vários órgãos colegiados. Fora da UFMG, foi membro do Conselho Estadual de Educação, onde presidiu a Câmara de Ensino Superior; também pertenceu à Academia Mineira de Letras e participou de comissões da CAPES para credenciamento e recredenciamento de cursos e programas de pós-graduação. Essas atividades lhe trouxeram invulgar conhecimento das nossas leis relativas à educação, o que contribuía para fazer dele um membro especial de órgãos

colegiados. Em casos de interpretação controvertida da legislação pertinente a qualquer aspecto da educação no Brasil, os seus pares encontravam nele apoio e segurança, como se fosse um jurista de profissão. E tudo isso era cumprido com a pontualidade, com a assiduidade, com a disponibilidade daqueles que se entregam à coisa pública com esquecimento de si próprios. Legítimo comportamento de cidadão, no sentido mais nobre da palavra.

Não admira, pois, que o reconhecimento público lhe chegasse de várias partes, como de fato chegou, sob a forma de prêmios, medalhas, comendas e distinções de toda sorte.

Essa é, meus jovens, a imagem de Wilton Cardoso que quis passar a vocês, alunos da nossa Faculdade de Letras. Wilton foi um autêntico homem público, a serviço das instituições a que pertencia. Exerceu essas funções com a mesma impecável limpeza, sóbria elegância e estudada modéstia que punha no vestir-se e no agir cotidiano. A falta que fará nos domínios de sua atuação, só nós, que privamos com ele, podemos avaliar.

Que a terra lhe seja leve e o sono tranqüilo! E que a sua memória ajude a revigorar o espírito desta Casa!